

Importância da escola para pais, mães, alunos, professores, funcionários e dirigentes

Roque Strieder*

Rose Laura Gross Zimmermann**

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve apreender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade.

Albert Einstein

Resumo

A escola participa cada vez mais cedo da vida das crianças e, ao fazê-lo, trabalha na perspectiva de dar ênfase ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, mas também na formação de valores. Nessa participação, não ficam alheios pais, funcionários, professores e dirigentes educacionais. Ouvir as vozes desses atores, em relatos sobre a importância da escola, teve como desafio desnudar um pouco mais essa complexa instituição que, criticada e questionada, continua atratora de crianças, adolescentes e jovens. Os pesquisados falam da escola como suporte de vida, local de convivência social, reconhecem-na como a segunda família, a segunda casa. Também se referem a ela como fonte de esperança para futuros melhores, acreditam que o indivíduo natural pode transformar-se em pessoa cultural. A posição dos pesquisados permite afirmar um alargamento no sentido da escola. Começam a perceber a importância da construção de conhecimentos, porque profundamente imbricados com o plano existencial da vida de cada um.

Palavras-chave: Educação; Importância da Escola; Formação Humana.

* Professor, doutor em Educação em cursos de licenciatura, especializações e do programa de mestrado em educação da Unoesc. Pesquisador do programa FAPE/Unoesc, PIBIC/CNPq e FAP.

** Professora, pedagoga e bolsista do programa PIBIC/CNPq.

Importance of the school for fathers, mothers, students, teachers, staff and managers

Abstract

The school has been increasingly participating early in children's lives and, by doing so, it works in the perspective of emphasizing the development of scientific knowledge, but also in the formation of values. In this participation, parents, employees, teachers and educational managers are not omissive. In order to listen to the voices of those actors, in accounts of the importance of the school poses the challenge of clarifying a little bit more about that complex institution that, even criticized and questioned, continues to attract children and adolescents. The participants speak of the school as a life support, a place of social interaction and recognize schools as their second family, their second home. They also refer to the school as a source of hope for a better future, and believe that the natural beings can turn themselves into cultural beings. The position of the participants in the study allow for claiming a widening of the meaning of the school. They start to realize the importance of the construction of knowledge, once it is deeply imbricated within the existential life plan of each one.

Keywords: Education; School Importance; Human Formation.

Considerações iniciais

A educação continua sendo tema de convergência de muitas discussões. No mundo contemporâneo, seus diagnósticos e suas perspectivas são temáticas sempre inconclusas.

A escola é a instituição que participa cada vez mais cedo da vida das crianças e, ao fazê-lo, trabalha na perspectiva de dar ênfase ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, mas também na afirmação de valores.

Para crianças, adolescentes e jovens, a escola oportuniza espaços de convivências. Ela continua sendo espaço de relações humanas, de encontros e desencontros, espaço de reflexão, mas também de práticas vivenciais, capazes de fundamentar o desenvolvimento e a vivência de valores como a solidariedade, a justiça e a interdependência.

O atual momento histórico, de globalização e acenos para uma cultura Pós-Moderna é caracterizado como rompimento com antigas verdades absolutas, oriundas da ciência ou de fontes filosóficas do iluminismo. É um momento, com um modo de pensar, que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade. De forma similar, questiona a ideia de progresso ou emancipação universal, questiona os sistemas únicos, as grandes narrativas, os fundamentos definitivos de explicação.

Importância da escola para pais, mães, alunos, professores, funcionários e dirigentes

No dia a dia de todo e qualquer ser humano, fica evidente o desmoronamento da velha ordem mundial e a decadência de um sistema ultrapassado de crenças, valores e formas de agir. Na coexistência de diversos eventos, que representam o surgir de uma nova ordem mundial, percebemos a emergência de nova escala de valores e novas formas de viver.

Se olharmos a educação, constatamos o quanto aumentou o reconhecimento do seu papel, na região, no país e no mundo. O debate já não se restringe aos círculos acadêmicos e de educadores. É tema de comissões e conselhos municipais e, como agenda nacional, integra as discussões de políticos, empresários e organizações não-governamentais. A melhoria da qualidade da educação, do ensino e da aprendizagem exige e compromete o envolvimento de pais e comunidades.

Nesse contexto, conhecer a importância da escola na vida dos alunos/as, professores/as, funcionários, dirigentes, pais e mães é perceber suas perspectivas de socialização, de consolidação da autoestima, de capacidade de ouvir, negociar, perseverar e desenvolver a responsabilidade. No cenário da instabilidade e da nebulosidade dos valores, num contexto socioeconômico que desmantela a família e exige a redução quantitativa e qualitativa do tempo de presença junto aos filhos, as opiniões e posições dos pesquisados revelaram-nos a existência de uma grande distância entre a formação de caráter autoritário à qual foram submetidos grande parte dos pais e dos professores e o desejo de uma educação mais afetiva e participativa dos filhos/alunos. A fala dos pesquisados permite compreender melhor como e por que a escola, tão diversa e disforme, tendo perdido grande parte de sua credibilidade, continua sendo o local onde pais e mães deixam seus filhos e filhas, um local onde professores acreditam contribuir com a formação daqueles que lhes são confiados. A escola, apesar das instabilidades e apesar dos inúmeros outros “locais de aprendizagem”, inúmeros outros “locais de educação”, continua sendo imprescindível. Os resultados obtidos evidenciam que, na sociedade globalizada pela lógica do mercado, priorizando lucro e utilitarismo, ainda persiste a esperança de que a escola contribui para além do processo de formação profissional, para a formação humana e para a criação de sensibilidade social e solidária.

A trindade nem sempre articulada e interdependente: escola, ser humano e educação

A escola

Do grego *skholé*, significa descanso, ócio dedicado ao estudo, à meditação e contemplação do saber (*episteme*). *Schola*, do latim, remete para a ocupação literária, lição, curso, lugar onde se ensina, sistema de doutrina.

O cenário de transformações, vivenciado pela humanidade é de intensa complexidade. É nesse cenário de mudanças que se acentua mais ainda a

importância da escola. As mudanças na economia, de base agrícola para industrializada, reduziram o grupo familiar, que deixou de ser comunitário para tornar-se nuclear. Com o grande número de divórcios, surgem novas estruturas familiares que levam a repensar o sentido e o conceito tradicional de família, composta por pai, mãe e filhos.

O ingresso da mulher/mãe no mercado de trabalho/emprego obrigou as famílias a buscar alguém ou alguma forma de manter seus filhos ocupados, reduzindo o tempo da qualidade e do conteúdo do convívio familiar.

Vivemos um forte contraste formativo: os atuais pais e professores das crianças e dos adolescentes receberam, em sua maioria, uma educação autoritária, rígida e repressora. A educação que seus filhos desejam ou exigem é mais afetiva, íntima, amigável, democrática e participativa. Pais e professores/as, desnorteados na encruzilhada dos dois modelos de educação, não sabem se repetem o próprio modelo ou seguem novas formas. Sem clareza na escolha, muitos caem na armadilha de outro extremo, não transmitir aos filhos valores éticos e nem colocar limites. Essa perigosa lacuna na educação familiar resulta na ausência de parâmetros e referenciais.

Apesar de impasses, aumenta a importância da escola, reconhecida como referência na vida das pessoas. Na emergente sociedade civil, cada vez mais organizada, a escola é chamada a contribuir na formação de seres humanos responsáveis e participativos. Não bastam indivíduos com infinidade de conhecimentos científicos ou boa habilidade profissional. Também não é suficiente cada um conhecer e exigir seus direitos. O indivíduo precisa capacitar-se para, de forma solidária, consciente dos deveres e responsabilidades, integrar a sociedade. É nessa participação que lateja “a responsabilidade social de devolver ao país o que dele se recebeu [...] realizar a tarefa fundamental de acabar com pobreza, com o sofrimento, com as desigualdades e os abusos” (MATURANA, 1998, p. 12).

A escola parte do pressuposto que nenhum indivíduo nasce ser humano, mas se produz como tal, dentro do seu grupo social, num processo contínuo de interdependência da natureza e da cultura. Segundo Dayrell (1992, p. 2), “são as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas [...] a educação tem um sentido mais amplo, é o processo de produção de homens num determinado momento histórico”.

Para Charlot (2005, p. 145):

O homem se torna humano, membro de uma sociedade e de uma cultura em um dado momento e lugar, um sujeito com sua história pessoal. A educação é movimento de humanização, de socialização, de subjetivação;

Importância da escola para pais, mães, alunos, professores, funcionários e dirigentes

é cultura como entrada em universos simbólicos, como movimentos de construção de si mesmo; é direito ao sentido, à diferença cultural, à originalidade pessoal.

A competência do ensinar, pesquisar e interferir na dinâmica social é função da escola. Quando os docentes começam a inebriar-se com a pesquisa, asseguram um diferencial para desenvolver trabalhos desafiantes e enriquecedores. Segundo Assmann (1998), ela deve ser uma agência capaz de oportunizar contextos e ambientes propícios para a vivência do aprender a aprender. Mesclar, fundir e integrar às atividades de ensino a cultura da pesquisa fará o trabalho escolar mais dinâmico, mais fecundo e fertilizado pelo sentimento de construção de autonomia e de autodeterminação.

Destacamos como grandes desafios da escola o esforço em direção à transdisciplinaridade. Segundo Morin (2005), a prática transdisciplinar pode contribuir na superação das distâncias entre ciências e humanidade e romper com a oposição entre natureza e cultura. Propõe “o princípio da incerteza racional” em substituição ao paradigma das certezas, do mundo e da sociedade plenamente organizáveis e enquadráveis em fórmulas matemáticas. Conclama a necessidade de pensar na “identidade terrena” como forma de superar conhecimentos e formas organizacionais pautadas no autoritarismo de políticas dominantes e excludentes.

É um desafio com maiores chances de acertos se fundamentado na complexidade, proposta por Morin e endossada por um vasto grupo de pensadores, como Abreu (1996), Assmann (1998), Morin (2000 e 2005), Demo (2002), entre outros.

As atividades escolares visam e existem em função do ser humano. É em função dele que ela se constitui. Sendo inerente à escola e às atividades escolares é importante refletir esse objeto final para o qual se destinam suas ações. Por isso, consideramos fundamental trazer algumas reflexões sobre o que é o ser humano. Como acontece o ser humano, o que deseja, anseia e necessita para ser reconhecido como humano. Como e por que pretende se encontrar numa escola, como ela influencia culturalmente a trajetória humana, ainda que fortemente atrelada ao seu contexto biológico.

O ser humano

Quem somos nós? Pergunta milenar, nova e surpreendente, que não somente fertiliza a filosofia, mas invade todas as áreas do conhecimento. Apesar dos milhões de páginas escritas, tentando definir o ser humano, ele continua insondável. Continuamos misteriosos para nós mesmos, renovando o desafio de compreender nossa grande aventura, cujo futuro insiste em continuar desconhecido.

Indefinição expressa por Pascal: “Que quimera é, então, o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que objeto de contradição, que prodígio! Juiz de todas as coisas, verme imbecil; depositário do verdadeiro, cloaca da incerteza e do erro; glória e dejetos do universo. Quem resolverá essa confusão?” (apud MORIN, 2002, p. 15).

Indefinição mostrada por Camus (1999, p. 22): “O homem é a única criatura que se recusa a ser o que é. A questão é saber se essa recusa não pode levá-lo senão à destruição dos outros e de si próprio, se toda revolta deve acabar em justificação do assassinato universal ou se [...] pode descobrir o princípio de uma culpabilidade racional”.

O longo período de humanização mostra um mamífero vivíparo como um gênero de criatura em crescente condição de inacabamento, fruto de nascimentos cada vez mais precoces, da neotenia e da imaturidade biológica (SLOTERDIJK, 2000). Para Sloterdijk (2000, p. 34), “O ser humano poderia até mesmo ser definido como a criatura que fracassou em seu ser-animal (*Tiersein*) e em seu permanecer-animal (*Tierbleiben*). Ao fracassar como animal esse ser tomba para fora de seu ambiente e com isso ganha o mundo”.

Desde os filósofos gregos sonhamos em minimizar nossas tendências bestializadoras. A lista interminável de normas, regulamentos e legislações não conseguiram, em definitivo, solucionar o problema. Da força do Estado, da educação, das religiões, do poder das ideologias, nada parece conter a avidez das potencialidades à violência. Educar, domesticar, ameaçar, punir, eliminar via grupos de extermínio, guerras, pena de morte, de fato continuamos usando nossa inteligência racional contra nós mesmos. Sem perspectivas de solução na dimensão cultural, a ciência acena, atualmente, com outras possibilidades: a intervenção ou controle a partir do genético.

As observações de Gray (2005, p. 22), diante do desejo humano de, conscientemente, traçar o futuro, são merecedoras de crédito:

Parece factível que ao longo do próximo século, a natureza humana seja cientificamente remodelada. Se assim for, será feito ao acaso, com o resultado final de lutas travadas no terreno sombrio onde os grandes negócios, o crime organizado e as faces ocultas do governo competem pelo controle. Se a espécie humana passar por uma reengenharia, não há de ser porque a humanidade, atuando como um deus, terá assumido o controle de seu destino.

Para Monod (2002), vida e ser humano são frutos do acaso. Uma jogada de sorte na grande loteria do universo. Para Monod (2002, p. 115), é difícil a civilização ocidental aceitar o acaso como verdade existencial,

Importância da escola para pais, mães, alunos, professores, funcionários e dirigentes

Será preciso que o homem desperte, enfim, do seu sonho milenário, para descobrir a sua total solidão, a sua estranheza radical. Sabe, hoje, que, como um cigano, ele está à margem do universo onde deve viver. Universo surdo à sua música, indiferente às suas esperanças, como aos seus sofrimentos ou aos seus crimes.

O insondável mundo do ser humano também se refere à frágil compreensão de suas finalidades. A história mostra que civilizações florescem quando sabem promover uma variedade de manifestações, valorizando os atributos mais variados, como mostra que civilizações se degradam quando prevalece a intolerância e a incapacidade relacional com os diferentes.

Porém, não sejamos ingênuos jogando para a educação uma carga maior do que pode suportar. Os questionamentos de Sloterdijk (2000, p. 32) servem de alerta:

O que ainda domestica o homem, o humanismo naufragou como escola da domesticação humana? O que domestica o homem, se seus esforços de autodomesticação até agora só conduziram, no fundo, à sua tomada de poder sobre todos os seres? O que domestica o homem, se em todas as experiências prévias com a educação do gênero humano permaneceu obscuro quem – ou o quê – educa os educadores, e para quê? Ou será que a questão sobre o cuidado e formação do ser humano não se deixa mais formular de modo pertinente no campo das meras teorias da domesticação e educação?

Educação

Para Jaeger (1994, p. 23), os gregos reconheciam que “A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana, que, pela sua própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam”.

Se educar é consolidar a “coesão interindividual e social”, ela confirma a criação da sensibilidade social que, apesar dos inúmeros equívocos conceituais, e da retórica economicista, visa a construir felicidade individual e social.

Educar para a sensibilidade solidária, para Assmann e Mo Sung (2000), é um desafio fundamental para humanidade. Afirmam a necessidade de superar os discursos sociopolíticos em relação à sensibilidade solidária, para que se torne “objeto de desejo”, e não necessidade. A sensibilidade solidária, como ação educativa, é aposta na melhorabilidade do ser humano:

educar, aprender e conhecer implicam numa aposta positiva na perfectibilidade e educabilidade ‘humanizante’

do ser humano. Ao pressupormos que o ser humano é 'melhorável', estamos afirmando implicitamente que ele se encontra num processo de 'vir-a-ser', que admite avanços, mas jamais se estagna numa plenificação totalmente alcançada. (ASSMANN; MO SUNG, 2000, p. 244)

Diante do ser humano, complexo e diverso na unidade, múltiplo e singular, dedicado ao trabalho e ao lúdico, que aposta na racionalidade e alimenta-se nos mitos, nas magias e nas crenças, crê nas virtudes dos sacrifícios e exalta os desperdícios como consumista, a educação:

deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico [...] uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimentos, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra. (MORIN, 2005, p. 61)

Para Maturana (1998), educar requer profunda reflexão sobre perguntas que, mesmo seculares, guardam caráter de novidade: O que é educar? O que queremos com a educação? Para que tipo de país e de comunidade educamos? A educação deve criar compromissos de responsabilidade e comprometimento comunitário e nacional devolvendo-lhes o que deles se recebeu na infância, adolescência e juventude. "O educar se constitui num processo em que a criança ou um adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência" (MATURANA, 1998, p. 29).

É transformar o ato educativo em oportunidade de vivência do aceitar-se e respeitar-se, como condição para que se aceite e respeite os outros, reconhecendo que o aceitar-se e respeitar-se, aceitar e respeitar os outros não são constitutivos biológicos. Isso fundamenta o vir-a-ser, a educabilidade humana e sua melhorabilidade.

Educar é permitir que cada indivíduo tenha consciência da condição humana, como identidade terrena, para situar-se num meio ambiental, reconhecer sua dimensão biológica, localizar-se num contexto histórico, vinculado a um mundo social.

Procedimentos metodológicos

Foram refletidos aspectos qualitativos, para interpretar e compreender o sentido das singularidades nas expressões dos pesquisados sobre a impor-

Importância da escola para pais, mães, alunos, professores, funcionários e dirigentes

tância da escola para suas vidas. Como instrumento de pesquisa, utilizamos um questionário, contendo questões abertas.

A pesquisa de campo foi aplicada no universo das escolas da rede estadual da 1ª Gerência Estadual de Educação (GERED), sediada no município de São Miguel do Oeste/SC. Na amostragem, a maior escola (em número de alunos) dos municípios de São João do Oeste, Iporã do Oeste e Descanso. Selecionamos, aleatoriamente, nove pais e nove mães (três pais e três mães, em cada escola), com filhos matriculados; também responderam ao questionário seis professores (dois por escola), um funcionário por escola e 15 alunos (cinco por escola), além dos três dirigentes. O teor das questões fora o mesmo para cada um dos grupos envolvidos.

Resultados

Perguntados sobre a importância da escola e da educação, a expressão, formar/formação apareceu em várias oportunidades. Significa que a educação continua sendo vista como processo de formação humana, já que o ser humano é concebido como ser inacabado. Um ser que precisa cuidar de si, buscar condições de mais humanidade. Para Kant (1996), o ser humano, inacabado, tem em si uma disposição para o bem, que precisa ser desenvolvida. Segundo Severino, a transformação do indivíduo natural em cultural “envolve um complexo conjunto de dimensões que o verbo *formar* tenta expressar: constituir, compor, ordenar, criar, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser” (2006, p. 01-02).

Várias manifestações indicam que a função da escola é “preparar para a cidadania”, “preparar para viver em sociedade”, “integrar o ser humano na sociedade”. É, na modernidade, a matriz política das atividades escolares, proposta pelos iluministas. Esses pesquisados reconhecem que a formação do indivíduo “se confronta com a realidade da vida política que não é mais mera circunstância na existência dos indivíduos, mas, ao contrário, é uma forte e densa realidade autônoma, ditando e impondo regras e leis” (SEVERINO, 2006, p. 06). Existe um contrato social, um estado com leis, imposições e regras, uma estrutura social na qual o indivíduo deve ser inserido, sendo a escola o *locus* dessa inserção, conforme também salienta Charlot (2005).

Ao fazerem esse reconhecimento, os pesquisados entendem a educação como valor firmemente amarrado a noção de justiça social distributiva, acreditando que o direito à educação é também a recusa daquela ordem social, baseada nos privilégios “de sangue”.

Poucas referências foram feitas em relação ao preparo profissional. Os pesquisados percebem que a função da escola, antes da qualificação profissional, é uma aposta na formação de personalidades integrais. Poucos reconhecem, como função escolar, adaptar os alunos ao mercado de trabalho, por-

que, no seu imaginário, o mundo do trabalho/emprego é extremamente móvel, cambiante e imprevisível. Diante dessa mutabilidade e efemeridade, seus conteúdos estariam em constante defasagem. Também consideram importante manter certa distância em relação ao mundo do utilitarismo e das urgências imediatas. A escola deve contribuir na construção de seres humanos preparados para conhecerem a si mesmos, cultivarem sua autoestima e autorrespeito (MATURANA, 1998) para se desenvolverem nas diversas instâncias da vida, seja privada, seja profissional. Segundo Severino (2006, p. 02), educar é “fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva”.

“Educação é diferente de instrução”, afirma uma mãe. Essa afirmativa exige cautela, pois a instrução tem relevância numa série de atividades cotidianas. Destacamos capacitações linguísticas, habilidades com algoritmos, teorias e metodologias científicas ou mesmo o moldeamento de corpos de atletas, obediências militares, treinamento para motoristas, pilotos de avião, astronautas, entre outros. Porém, condicionar um ser humano a exclusivos esquemas de enquadramentos, em lógicas fixas e lineares, significa negligenciar seu potencial como ser humano.

Muitas afirmações destacam compromissos com a responsabilidade. A concepção de responsabilidade, certamente, não se esgota em compromissos a serem realizados a partir de imposições externas, como suposto pelos pesquisados, quando se referem às questões normativas. O cumprimento de normas, como horários e datas, pode muito bem ser resultado de uma decisão por temor de alguma sanção. Se o for, estamos na dimensão da submissão, e não da responsabilidade. Não podemos negligenciar que a admirável aptidão para adequar-se a regras e normas possibilita o risco do aviltamento da capacidade reflexiva que acompanha os adestramentos para fixações de normas.

Acreditamos que a educação contribui na construção de pessoas responsáveis, distantes do estigma da submissão e subserviência. O exercício da responsabilidade é o resultado de um processo de internalização: cumpro, não importa o que farão ou pensarão os outros (FONSECA, 1998). Ou, como afirma Maturana (1998, p. 33), “a responsabilidade surge quando nos damos conta de se queremos ou não as conseqüências de nossas ações”.

A escola, como espaço que possibilita a convivência social, torna possível a produção da sobrevivência, seja na relação com a natureza ou com os demais seres humanos. Ao construir conhecimentos, educando-se, o aluno aprende a desenvolver seu lugar social e constrói significados para uso social.

Segundo Brandão (1985, p. 7),

ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender,

Importância da escola para pais, mães, alunos, professores, funcionários e dirigentes

para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...] Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor.

Para todos os pesquisados, a contribuição da escola ultrapassa o aprender a ler, escrever e efetuar operações matemáticas. Expressões como “Preparou para a vida”, “foi minha segunda família”, “minha segunda casa”, “espaço de interação”, “de convivência”, “abriu horizontes”, entre outras, permitem deduzir compromissos com a sobrevivência do ser humano. Para os pesquisados, a escola não é local exclusivo de teorias, mas espaço de atitudes práticas diante da vida, da sociedade e da natureza.

É um local de sonhos que, abrindo horizontes, organiza práticas vivenciais que conjugam “desejos e necessidades, expectativas e viabilidades, tanto no plano individual como no coletivo” (ASSMANN, 2001, p. 121). Abre para universos da pluralidade e diversidade, equilibrando, prudentemente, a rejeição de princípios absolutos, de verdades unívocas, do puro relativismo e dos pontos de vista.

Quando afirmam que a escola significa “aprendizado”, “construção de conhecimento”, “socialização de conhecimentos”, reafirmam a sua incumbência com o estatuto científico e epistemológico. Uma construção de conhecimentos não desligados da “preparação para a vida”.

As inúmeras referências em direção à afirmação da vida devem instigar a comunidade escolar e inspirar políticas educacionais compromissadas, cada vez mais, com a vida. Reconhecer que a vida concreta de cada pai, mãe, docente e aluno está profundamente compromissada consigo mesma. Cada ser humano busca, na escola, alicerces para incrementar a sua vida: “Hoje, educar significa defender vidas” (ASSMANN, 1998, p. 22).

Se os pesquisados afirmam tão enfaticamente que a escola foi e continua sendo importante é porque a experiência escolar, vivida ou sendo vivenciada, foi e é prazerosa. A escola, sendo um espaço social em miniatura, vinculado a espaços ambientes, espaços familiares, políticos, religiosos e culturais, cada um, alimentado por diversas fontes, fez de si mesma um cenário de complexa convivência. Dentro desse complexo cenário, ela é, prioritariamente, na posição dos pesquisados, um lugar importante e bom.

Considerações finais

Em um mundo marcado por relações líquidas (BAUMAN, 2001, 2004, 2007) e pela diversidade das identidades e relações com os/as outros/as, a subjetividade é tecida e influenciada por representações simbólicas. Continuam

sempre novas as perguntas: Quem sou eu? Como posso me relacionar com o/a outro/a? Que papéis assumir na sociedade? Como viver? Como educar? São perguntas para as quais, ao longo da vida, os indivíduos buscam respostas, muitas vezes (des)encontradas na rua, na mídia, na religião e que, queiramos ou não, influenciam vivências e aprendizagens escolares.

Segundo os pesquisados, o desejo de educar-se continua presente, o que faz crescer o desafio do saber como educar e a quem compete a educação.

Mesmo tendo idades distintas, tempos e experiências escolares diversos, as percepções dos pesquisados sobre a importância da escola não mostra contrastes relevantes. De maneira geral, todos os pesquisados indicam a importância da escola, enquanto atendendo expectativas de futuro, de bem estar profissional e em vida. As argumentações quanto a importância da escola e dos conhecimentos se referem tanto às suas vidas presentes, quanto na definição do amanhã. A relevância formativa faz da escola um dos principais componentes do ambiente social dos pesquisados: “é minha segunda casa”.

Ressaltamos que o teor otimista, quanto à importância da escola na vida dos pesquisados, precisa considerar as representações sobre a escola, presentes no imaginário cultural nos municípios, locais dessa investigação. Na construção histórica dessas comunidades/municípios, ela orientou sua trajetória e recebeu forte apoio familiar e comunitário, valorizando as experiências vividas no processo da escolarização.

A educação para o desenvolvimento local está diretamente vinculada a essa compreensão e necessidade de formar pessoas que amanhã possam participar, ativamente, de iniciativas dinâmicas e transformadoras de seu entorno. Atualmente, quando se promove iniciativas desse tipo, constata-se que não só as crianças, mas parte dos adultos desconhece desde a origem do nome da própria rua até os potenciais do subsolo da região onde se criaram. A educação não deve servir como estímulo ou trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la.

Professores conectados com as diversas esferas de atividades tornam-se, de certa maneira, mediadores científicos e pedagógicos de um território, de uma comunidade. A re-qualificação docente precisa ser rica, para dinamizar a confrontação do ensino com as realidades vividas, colocando-os, de certa maneira, na mesma situação dos alunos que, ao escutarem as aulas enfrentam dificuldades para fazer a ponte entre o ensinado e a realidade cotidiana.

Em paralelo à dinamização de informações e conhecimentos, a escola tem a responsabilidade com o desenvolvimento e a vivência de valores. Oportunizar essa vivência é uma necessidade impostergável em todas as instâncias da educação. Cabe a ela, como determinado nos PCNs – temas transversais – promover e coordenar um conjunto de reflexões sobre questões éticas

Importância da escola para pais, mães, alunos, professores, funcionários e dirigentes

na esfera política, tecnocientífica, da racionalidade produtiva, do universo religioso, eco-ambiental e biológico/reprodutivo da espécie humana. Um desafio capaz de criar sensibilidade para a necessidade ou, de forma mais enfática, criar desejos, para rever conceitos e definições, para projetar formas relacionais e produtivas capazes de reverter comportamentos e atitudes mais comprometidos com a vida em todas as suas formas.

Não passou em branco, nos argumentos dos pesquisados, a constatação da existência de graves problemas de desagregação do espaço educacional. Questionados, admitem a existência de dificuldades em nutrir e disseminar valores capazes de se contrapor às tendências da desagregação social e humana do atual cenário mundial.

Ainda assim a escola é importante, porque contribui com o alargamento das expectativas e viabilidades futuras. Os pesquisados, em sua maioria, concordam que a escola é importante para “vencer na vida”, para “viver melhor”, “para ser alguém na vida”, “para garantir o futuro”. A partir da posição dos pesquisados, afirmamos que a escola é um local de socialização. É lá que se encontram com amigos e informações, ambas como facilitadoras de ascensão social. Cada ser humano busca, na escola, alicerces para incrementar a sua vida.

Outra consideração importante é que a educação ultrapassa em muito o simplesmente ensinar ou seu tradicional e raso sentido de transmissão de conhecimentos preexistentes. Para os pesquisados, existem, em curso, um processo de alargamento no sentido da escola. Percebemos a importância da construção de conhecimentos, porque profundamente imbricados com o plano existencial da vida das pessoas. Apesar da fluidez, como garantia de inserção social e acesso profissional, a relevância do tempo de vida escolar continua significativa. A escola continua desfrutando destacado valor na formação das subjetividades e na consolidação da expectativa de inclusão social.

Referências

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1998.

_____. **Metáforas novas para reencantar a educação**. 3. ed. Piracicaba, SP.: UNIMEP, 2001.

ASSMANN, H.; MO SUNG, J. **Competência e sensibilidade solidária**. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2000.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Roque Strieder – Rose Laura G. Zimmermann

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

CAMUS, A. **O homem revoltado**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CHARLOT, B. **Relações com o saber, formação de professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DAYRELL, J. T. A Educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa, **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, p. 21-29, jun.1992.

FONSECA, E. G. **Vícios privados benefícios públicos**: a ética na riqueza das nações. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GRAY, J. **Cachorros de palha**: reflexões sobre humanos e outros animais. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JAEGER, W. W. **Paidéia**: a formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Trad. Francisco C. Fontanela. Piracicaba: Unimep, 1996.

MATURANA, H. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MONOD, J. **O acaso e a necessidade**. Portugal: Publicações Europa-América, 2002.

MORIN, E. **O método 5**: a humanidade da humanidade a identidade humana. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 Jan. 2008. doi: 10.1590/S1517-97022006000300013.

SLOTERDIJK, P. **Regras para o parque humano**: uma resposta à carta de Heideggerd sobre humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

Correspondência

Roque Strieder – Av. Cerro Largo, 186 Centro – 89898-000 – Tunápolis, Santa Catarina.

E-mail: strieder@unoescsmo.edu.br

Recebido em 12 de fevereiro de 2010.

Aprovado em 15 de julho de 2010.